



## OFICINA DO CES

**ces**

Centro de Estudos Sociais  
Laboratório Associado  
Universidade de Coimbra

**AGNES DE SOUSA ARRUDA, JORGE MIKLOS**

**A RECONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO SOCIAL  
PARA SÃO PAULO: UM ESTUDO A PARTIR DAS  
ECOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO**

**Julho de 2019  
Oficina n.º 451**

**Agnes de Sousa Arruda, Jorge Miklos**

**A reconstrução de um imaginário social para São Paulo:  
um estudo a partir das ecologias da comunicação**

**Oficina do CES n.º 451  
Julho de 2019**

**OFICINA DO CES**

**ISSN 2182-7966**

**Propriedade e edição**

Centro de Estudos Sociais

Colégio de S. Jerónimo

Apartado 3087, 3000-995 Coimbra, Portugal

**Coordenação da publicação**

Paula Sequeiros, Teresa Cunha

E-mail: [oficina@ces.uc.pt](mailto:oficina@ces.uc.pt)

**Agnes de Sousa Arruda\***

**Jorge Miklos\*\***

**A reconstrução de um imaginário social para São Paulo:  
um estudo a partir das ecologias da comunicação**

**Resumo:** Grandes metrópoles são vistas como rolos compressores que esmagam, sem clemência, aqueles que nelas vivem. Na maior cidade do Brasil, São Paulo, essa imagem lúgubre a respeito do urbano está inscrita no imaginário social e se manifesta das mais diversas formas, entre elas, no cancionero popular e nas intervenções gráficas urbanas, objetos de estudo deste trabalho. Insatisfeitos com essa representação, determinados grupos passaram a se organizar e a se manifestar com mensagens positivas sobre a cidade no próprio espaço urbano. Este estudo apresenta uma análise comparativa de conteúdo acerca de representações institucionalizadas da cidade de São Paulo justapostas com representações contra-hegemônicas.

**Palavras-chave:** comunicação e imaginário, ecologias da comunicação, mídia radical, São Paulo (Brasil).

**Introdução / Não Existe Amor em SP**

Grandes cidades são identificadas, entre muitos outros aspectos, pela frieza e pela hostilidade com as quais seus habitantes são obrigados a (con)viver. Em São Paulo, maior cidade do Brasil com cerca de 35 milhões de habitantes em sua região metropolitana e um dos principais polos econômicos da América Latina, não é diferente.<sup>1</sup> Com o passar dos anos, o município, capital do estado brasileiro homônimo, ganhou algumas alcunhas como *Selva de Pedra* e *Cidade Cinza*. Além disso, passou a figurar no imaginário popular, manifestado através de diversas formas, entre elas, em canções, como um lugar no qual as relações humanas são pouco ou, até mesmo, nada afáveis.

---

\* Professora dos cursos de Design Gráfico, Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Mestre e Doutoranda em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP) com bolsa CAPES-PROSUP com estágio em doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra com bolsa CAPES-PDSE. Integrante do Grupo de Pesquisa Mídia e Estudos do Imaginário (UNIP). Contato: agnesarruda@gmail.com

\*\* Orientador. Doutor em Comunicação pela PUC-SP. Pós-doutorado em Comunicação Comunitária pela UFRJ. É Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista e vice-líder do Grupo de Pesquisa Mídia e Estudos do Imaginário (UNIP). Contato: jorgemiklos@gmail.com

<sup>1</sup> Pesquisa realizada pela Civil Service College de Singapura e a Chapman University em 2014 aponta que São Paulo é a cidade mais influente da América Latina no que diz respeito a elementos como conectividade aérea, diversidade, investimento estrangeiro direto, sedes de empresas, produção de serviços, serviços financeiros, tecnologia e mídia, e dominação industrial (BBC Brasil, 2014).

Esse imaginário sobre São Paulo pode facilmente ser identificado no *rap*, ritmo que tradicionalmente denuncia as mazelas sociais no contexto urbano. Especificamente, podemos mencionar músicos como Sabotage ou grupos como os Racionais MCs que, por muito, poetizaram acerca das hostilidades da Paulicéia.<sup>2</sup> No entanto, essa realidade dura e cruel não é só retratada no *rap*. Letras que ressaltam como a capital paulista, chamada de *Motor do Brasil*, tritura seus moradores, também estão presentes na MPB, no rock e em uma infinidade de outros estilos musicais. É o que se observa, apenas para citar como exemplo, com Tom Zé em *São São Paulo*, Billy Blanco em *Amanhecendo*, Ira! em *Pobre Paulista* e Inocentes em *Pânico em SP*. Mais popular recentemente, no entanto, está a letra de *Não Existe Amor em SP*, do músico Criolo, que segue:<sup>3</sup>

Não existe amor em SP  
Um labirinto místico  
Onde os grafites gritam  
Não dá pra descrever  
Numa linda frase  
De um postal tão doce  
Cuidado com doce  
São Paulo é um buquê  
Buquês são flores mortas  
Num lindo arranjo  
Arranjo lindo feito pra você

Não existe amor em SP  
Os bares estão cheios de almas tão vazias

---

<sup>2</sup> Mario de Andrade, um dos modernistas brasileiros, publicou *Paulicéia Desvairada*, em 1922, livro de poemas que exaltam as características de São Paulo no contexto urbano.

<sup>3</sup> Assim como Nova Iorque é a cidade mais retratada em filmes hollywoodianos, São Paulo é a cidade mais figurada em canções a partir de enfoques bem variados tais como: *Punk da periferia* – Gilberto Gil; *Selva de pedra* – Edi Rock; *Pobre Paulista* – IRA!; *Sampa* – Caetano Veloso; *Lá Vou Eu* – Rita Lee; *Sampa Midnight* – Itamar Assumpção; *Sampa no Walkman* – Engenheiros do Hawaii; *Correio da Estação do Brás* – Tom Zé; *Lampião de Gás* – Inezita Barroso; *Rapaziada do Brás* – Carlos Galhardo; *Trem das Onze* – Adoniran Barbosa (essa é, sem dúvida, a canção mais famosa na memória dos paulistanos. Trata-se de um grande clássico entre as canções que falam *da e pela* cidade); *Tradição* – Geraldo Filme; *Fim de Semana no Parque* – Racionais MCs; *Samuel* – Passo Torto; *Augusta, Angélica, Consolação* – Tom Zé; *Super-heróis* – Raul Seixas; *Cidade Com Nome de Santo* – Ogi; *Persigo São Paulo* – Itamar Assumpção; *Modão de Pinheiros* – O Terno; Paulicéia Desvairada – *Made in Brazil*; *Na Zona Sul* – Sabotage; *São Paulo, São Paulo* – Premê. A quantidade e a variedade demonstram a polissemia que envolve as percepções daqueles que olham para a polis, evidenciando que cada ponto de vista é a vista a partir de um ponto.

A ganância vibra, a vaidade excita  
Devolva minha vida e morra  
Afogada em seu próprio mar de fel  
Aqui ninguém vai pro céu

Não precisa morrer pra ver Deus  
Não precisa sofrer pra saber o que é melhor pra você  
Encontro duas nuvens  
Em cada escombros, em cada esquina  
Me dê um gole de vida  
Não precisa morrer pra ver Deus  
(Criolo, 2011).

A música integra o disco *Nó na Orelha*, de 2011, e fala de uma cidade na qual é fácil as pessoas se perderem, seja literal ou figurativamente (labirinto místico); transmite uma imagem urbana intensa, na qual os grafites gritam e fala de um universo envolto em drogas ilícitas (cuidado com doce). De uma maneira mais subjetiva, avalia o comportamento das pessoas que vivem no meio desse caos (bares cheios de almas vazias; ninguém vai para o céu) e pondera algumas contradições (um lindo buquê, só que de flores mortas). Nota-se que o argumento discursivo repousa sobre a contradição à medida que o poeta estabelece estes opostos: a vida se torna artificial e o artificial é dado em lugar da vida (os buquês de flores mortas). Um arranjo bonito que lembra a vida daquilo que já morreu. A beleza do arranjo sacrifica a vida de quem dele participa. Daí o grito: devolva a minha vida. No lugar onde o humano morre, os grafites gritam. A letra termina com uma reflexão para esse modo de vida (não precisa morrer para ver Deus, nem sofrer para saber o que é melhor).

Além das músicas, outras representações que conseguem e levam a imaginar a *cidade que nunca dorme*, outra alcunha que carrega São Paulo, como uma megera sem coração são as pichações, muito presentes na capital.

Durante a primeira onda de protestos na história recente do País, motivados contra o aumento da tarifa do transporte público em São Paulo, no mês de julho de 2013, muitos prédios e monumentos foram pichados. Os manifestantes aproveitaram para inserir outras reivindicações na pauta, como a luta contra o racismo, deixando claro que, depois de tantos anos, a cidade continua abrigando quem não aceita pessoas de

diferentes etnias. As pichações traziam dizeres como: *Contra o Racismo e É por Educação*, conforme registrado em um álbum de fotos publicado pelo UOL (2013). Embora a temática seja positiva, a ação foi vista de forma negativa – como vandalismo – e, no álbum de fotos do portal de notícias, esses pichos ocupam espaço entre imagens de pessoas quebrando vitrines de lojas, bem como de estátuas e de monumentos públicos sendo depredados, durante os protestos.

Ainda na temática do racismo e da intolerância, no entanto um pouco antes dos protestos, em 2011, uma moradora do bairro nobre da capital, Higienópolis, posicionou-se em uma entrevista para a televisão contra a instalação da linha 4 do metrô na região. Ela alegou que uma estação no bairro atrairia, em suas palavras, “gente diferenciada” para o local, deixando claro que ela considerava os usuários do sistema público de transporte, cidadãos de segunda classe. Após a polêmica gerada sobre o assunto, foram feitas no muro da Mackenzie – uma universidade de elite em São Paulo e por onde a linha 4 iria passar – duas pichações. Uma com os dizeres #GENTEDIFERENCIADA e outra com a frase *Somos Todos Iguais e nosso Direito é um Transporte Público de Qualidade*. Os pichos podem ser observados em matéria do G1 (2011) sob o título “Muro de futura estação do metrô em Higienópolis é pichado”, como uma clara resposta à hostilização sofrida e uma forma das pessoas que se sentiram ofendidas darem sua resposta onde a sofreram: no que seria a carne da própria cidade.

Há uma série de estudos e conceitos que podem ser utilizados para explicar as razões e os efeitos dessa relação de hostilidade entre os habitantes de um grande município com seus arredores. Virilio (1996), por exemplo, apresentou a reflexão acerca da velocidade da vida moderna/contemporânea, na qual o tempo ideal desta época, principalmente pautado na instantaneidade dos meios eletrônicos, não reflete mais o tempo vivido, com a violência nas relações. Já Bauman (2000) trouxe à tona a questão da liquidez das relações, cada vez mais descartáveis. De uma forma mais prática e menos teórica, cabe ainda uma análise em relação às desigualdades sociais que assolam países em desenvolvimento como o Brasil. Harvey (2014: 14) expressa com muita lucidez que: “a questão da cidade que queremos não pode estar dissociada da questão de que tipo de pessoas nós queremos ser, que tipo de relações sociais nós procuramos, que relações com a natureza queremos, que estilo de vida queremos, que valores estéticos valorizamos”.

O que se pretende demonstrar é que, independente da teoria, todas essas podem ser vistas como elementos que permitem tal visão hostil de mundo relacionada às

grandes cidades. No entanto, o que se pontua aqui não é como a visão de mundo é/foi formada, mas sim o fato de ela existir e de ser retratada pelos media, de forma hegemônica ou não.

### **Resquícios coloniais: raízes de São Paulo**

Apenas 54 anos após a chegada dos colonizadores ao Brasil, a cidade de São Paulo foi, oficialmente, fundada por um grupo de religiosos jesuítas, chefiado pelo padre Manoel da Nóbrega, e do qual fazia parte também o jesuíta José de Anchieta. Sua população original foi um resultado da miscigenação dos europeus com a população local nativa indígena. Essa miscigenação, no entanto, não foi pacífica, mas sim fruto da violência em relação às mulheres nativas. Entretanto, na melhor das hipóteses, a sociedade paulistana pôde, com isso, reunir em partes, os conhecimentos ancestrais da natureza e do território que ali se encontrava, advindo dos povos indígenas, com todo o refinamento científico e tecnológico que a Europa do século XVI poderia oferecer. Mais adiante, além do povo africano escravizado por mais de três séculos no país, São Paulo ainda passou a abrigar milhares de migrantes e imigrantes, de fugitivos, refugiados e povos em busca de uma oportunidade para recomeçar a vida.<sup>4</sup>

Essa afirmação pode ser confirmada em números: no início da década de 1920, apenas para citar como exemplo, uma em cada 20 pessoas no Brasil era estrangeira; dessa população, a maioria era italiana, que teve São Paulo como destino certo (Borges, 2018). No que diz respeito aos migrantes, um levantamento de 2011 informava que 45% da população de São Paulo e região era formada por eles (Terra, 2011). Um dado alarmante, no entanto, é o de que hoje “71% do total das pessoas estão em situação de rua e 73,4% do total das pessoas acolhidas nos centros da Prefeitura são migrantes” (G1, 2016), o que deixa claro o quanto a cidade pode ser dura com aquele que ela considera diferente de si. No entanto, como salienta Rolnik (2003), São Paulo era vista como uma grande, talvez a única, oportunidade de vida para quem tinha pouco ou nada a perder. Com a promessa de uma prosperidade econômica, essas pessoas vieram para a capital em busca de uma perspectiva melhor de futuro.

---

<sup>4</sup> Atualmente São Paulo conta com uma grande quantidade de estrangeiros, sobretudo, portugueses, italianos, espanhóis, alemães, libaneses, sírios, armênios, japoneses, coreanos, chineses e africanos das mais diferentes nacionalidades. Um panorama dessa realidade está apresentado em uma reportagem publicada em janeiro deste ano pelo Estadão. A reportagem está disponível no seguinte endereço eletrônico: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,a-nova-face-da-imigracao-nos-464-anos-de-sao-paulo,70002158825> (consultado a 23.11.2018).



São Paulo, virada do século: uma cidade que rapidamente acumula capitais e atrai um intenso fluxo imigratório europeu. O primeiro grupo estrangeiro a chegar em fins do século 19, foi italiano: entre 1888 e 1900 passaram por São Paulo quase 900 mil imigrantes, dos quais 70% eram provenientes da Itália. Nas duas décadas seguintes, outros 900 mil europeus passaram pela capital, distribuindo-se quase igualmente entre portugueses, espanhóis e italianos. Entre 1908 e 1930 se instalaram em São Paulo cerca de 50 mil sírios e libaneses e 35 mil judeus, oriundos principalmente da Europa ocidental no pós-guerra, que se somaram a um grande número de europeus. A cidade na virada do século já contava com uma população de 250 mil habitantes, dos quais mais de 150 mil eram estrangeiros. O último grande grupo estrangeiro a entrar foi o japonês, principalmente a partir da segunda década do século 20. (Rolnik, 2003: 16)

Pode-se perceber, assim, que São Paulo é uma metrópole polissêmica, polimórfica, construída sob o signo do trabalho, do progresso, da expansão e da presença de uma rede tecida pela diversidade de fios étnicos. Esses perfis estão expressos nos nomes dos bairros e ruas, na gastronomia, nas desigualdades sociais e, principalmente, no trânsito de múltiplas identidades que se mesclam em torno da sobrevivência diária.

### **(Re)visitando o imaginário social de São Paulo**

Recentemente o conceito de imaginário, já consagrado nas áreas da Filosofia e Ciências Sociais, passou a transitar também nas Ciências da Comunicação como desafio heurístico de tentar compreender qual lugar ocupa – e que influências causa – nos padrões comunicacionais e mediáticos contemporâneos. Como pergunta de partida, tem-se “Qual o papel que os símbolos, os mitos, as imagens e as alegorias da nossa época desempenharam no processo de legitimação da sociedade?”. Assim, na esteira dos trabalhos de Castoriadis (2002), Morin (1979), entre outros, partimos da premissa teórica de que a elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação e da autoinstituição de qualquer sociedade. Tudo que se apresenta no mundo social e histórico está indissociavelmente tecido no simbólico. O simbolismo sustenta a imagem do ambiente exterior, tanto quanto a vida estruturada do conjunto da práxis humana. Essas significações são presentificadas e figuradas pela efetividade dos indivíduos, dos atos e dos objetos que elas informam. Isso significa que não podemos considerar o

imaginário como uma forma descolada da realidade. Ao contrário, de acordo com o princípio da recursividade de Morin, imaginário e realidade combinam, influenciam e se contaminam mutuamente.

Assim, é por meio do imaginário que se pode atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de uma sociedade. É nesse campo que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também por símbolos, alegorias, rituais, mitos. Símbolos e mitos podem, por seu caráter difuso e arquetípico, por sua leitura sem tantas normas, tornar-se elementos poderosos de projeção de interesses, aspirações e medos coletivos. À medida que tenham êxito em atingir o imaginário, podem também plasmar visões de mundo e modelar condutas. O imaginário é, particularmente, importante em momentos de mudanças política e social, em momentos de redefinição de identidades coletivas.

Lembrando Bronislaw Baczko (1985), a aceitação dos mitos e dos símbolos por parte da cultura popular vai depender da existência de uma comunidade de imaginação ou comunidade de sentido. Quando inexistente esse campo, que tem suas raízes seja no imaginário preexistente, seja em aspirações coletivas em busca de um novo imaginário, a relação de significado não se estabelece e o símbolo cai no vazio. Dessa forma, a relação das manifestações culturais, hegemônicas ou não, de um determinado grupo, só fazem sentido para aqueles que partilham do mesmo imaginário social utilizado como referencial criativo, ou vice-versa. Assim, o imaginário social é uma variável partilhada por aqueles que têm acesso ao mesmo repertório, estando, então, São Paulo em tão má reputação entre os seus.

O que se reflete aqui, no entanto, é que a geladeira que congela almas, o labirinto que canta Criolo e tantas outras referências, das mais populares às mais eruditas, não é a única forma de se ver, relacionar e projetar a cidade. Isso porque os repertórios são múltiplos, assim como as vozes que (con)vivem na cidade. Assim, e por sorte, há algum tempo, grupos marginalizados têm percebido essa incoerência e têm trabalhado, comunicacionalmente, para a construção de um novo imaginário social, em um movimento de imaginar um novo espaço público e dele se reapropriar.

Por marginalizados entende-se aqui o proposto por Luiz Beltrão (2001) ao desenvolver a teoria da folkcomunicação. Para o autor, grupos marginalizados são aqueles que estão, de alguma forma, à margem da sociedade. Essa segregação pode ser

de cunho social, econômico, geográfico, político ou, até mesmo, cultural. O autor ainda propõe a separação entre os grupos rurais marginalizados e os grupos urbanos marginalizados, sendo que para ambos, não se relacionar com o conteúdo veiculado pelos meios hegemônicos de comunicação é comum. Esse processo pode se dar pela falta de acesso ou pela não identificação do grupo com aquilo que é veiculado. Invariavelmente, no entanto, para se comunicar entre si ou, até mesmo, transmitir para fora do grupo suas próprias mensagens, esses grupos acabam desenvolvendo seus próprios veículos de comunicação, com códigos próprios, a partir das estruturas e dos materiais que lhes estão disponíveis. O trabalho original de Beltrão trata da literatura de cordel, muito frequente no norte e nordeste brasileiro e que, por meio da prosa e do verso, aborda atualidades e generalidades bem como temas do cotidiano daquelas pessoas. No entanto, percebeu-se uma forte presença da folkcomunicação em processos de comunicação comunitária, conforme aponta Cicilia Peruzzo (1995), assim como o uso político e ativista dessas ferramentas de comunicação pelos próprios grupos considerados marginalizados (Downing, 2002).

### **Mais amor, por favor**

Foi em meados de 2009 que os muros de São Paulo começaram a receber a pichação que, posteriormente, se tornou poster lambe-lambe, *Mais amor, por favor*. De autoria do artista plástico Ygor Marotta, o projeto surgiu como “[...] um pedido, uma imploração (mas com educação) em meio à toda agressividade, indiferença e velocidade de uma metrópole como São Paulo”, (Marotta, 2016).<sup>5</sup> Embora de autoria declarada, as peças de Marotta nunca foram assinadas e essa talvez seja uma das razões que tenha feito, de sete anos para cá, a intervenção *Mais amor, por favor* ganhar vida própria pelas mãos de outras pessoas, não necessariamente artistas, que passaram a reproduzir a frase, falar sobre ela e sobre o movimento, usando-a também como inspiração para suas próprias criações.

[...] No decorrer do tempo, a frase ganhou dimensão, repercussão e aliados, se transformou em um organismo vivo. Saiu de São Paulo, está estampando muros de diversas cidades, inclusive fora do Brasil. Através da internet, ganhou mais

---

<sup>5</sup> Leva o nome de lambe-lambe a intervenção composta por cartazes e pôsteres, que são afixados nos espaços públicos com uma grande quantidade de cola aplicada sobre o papel, dando um aspecto de que foi lambido.

divulgação e vida. Está em blogs, tumblrs, flickrs, twitter e facebook. Se tornou inspiração para poesia, música, fotografia e até mesmo tirinhas de jornal. Abriu uma discussão sobre a necessidade de um princípio básico para vivermos em comunidade. (Marotta, 2016)

A grande adesão e repercussão de *Mais amor, por favor* pode ser vista de diversas formas. No entanto, sob o viés proposto para este estudo, fica claro que a pertinência da mensagem está justamente no fato de que o conjunto de representações pelas quais o mundo – no caso o mundo que compõe o que se entende pelo imaginário social de São Paulo – é visto, não faz mais sentido para esse determinado grupo de pessoas que começa a se movimentar para criar um novo imaginário social para a capital paulista. Ou seja, embora haja um imaginário social estabelecido para o que seja viver em São Paulo, da mesma forma que esse imaginário é manifestado em músicas e intervenções urbanas, por exemplo, ele é contexto, na busca por uma nova/diferente visão do que seja essa vida na capital.

A afirmação encontra determinado eco no que explica (em tradução livre) Romano (2004) acerca da Ecologia da Comunicação:

As comunidades precisam ser criadas de seu próprio ambiente. Como evidência da crise bioecológica, elas não são a forma óbvia de coexistência. Existem muitos padrões comportamentais diferentes, como hostilidade, indiferença, etc. As comunidades exigem determinados relacionamentos. E é aqui que a comunicação construtiva da comunidade se distingue qualitativamente da relação simples, assim como ela difere do aspecto informativo e esta do signo. Nem todos os relacionamentos criam comunidade, nem todas as informações geram relacionamentos. Somente sinais codificáveis e decodificáveis podem transmitir informações, e os relacionamentos só podem ser constituídos por informações que tenham relevância socioemocional. (Romano, 2004: 64)

Na perspectiva do autor, falar de Comunicação é muito mais que falar sobre a emissão e a recepção das mensagens ou de suas variações de sinais e signos, conforme as teorias clássicas com fundamentos na escola americana insistem (Mattelart, 1999). No processo de Comunicação, do qual parte o ponto de vista do autor, fala-se da criação de vínculos entre os agentes do processo que, nas investigações hegemônicas sobre a

disciplina, acabaram passando despercebidos. Nesse sentido, Romano pondera sobre o fato de as comunidades se tornarem possíveis através do estabelecimento de relações comunicativas entre seus membros, numa preocupação com o bem-estar coletivo. Aqui, a comunicação não é uma mera forma de transmissão e/ou troca de comunicação, mas fundamental para o próprio estabelecimento da comunidade. Nesse sentido, o exemplo da intervenção *Mais amor, por favor* se encaixa perfeitamente, ainda mais considerando-se a apropriação da manifestação feita por diversas pessoas que, na maior parte das vezes, não tiveram nem contato com a ação original; apenas se identificaram e reproduziram a frase de súplica feita pelo artista plástico para uma recondução do imaginário acerca de São Paulo que, conforme visto, tem total condição de retroagir na vida concreta da cidade.

Após surgir como pichação, a frase *Mais amor, por favor*, em sua fase de intervenção urbana artística, era reproduzida em forma de lambe-lambe. O artista responsável pela arte em questão, Rodrigo Marotta, não assinava as peças que aplicava pelas superfícies da cidade. A pichação original era feita em letra cursiva, com todas as letras em caixa baixa. Já o lambe-lambe, técnica que consiste em afixar um pedaço de papel nas paredes utilizando muita cola, traz as letras em caixa alta, misturando diferentes tipografias, em uma técnica de design chamada *all type*. As aplicações feitas pelo artista podem ser observadas em seu site, *Mais Amor, Por Favor* (2016).

O chamamento feito por Rodrigo Marotta com o *Mais amor, por favor* deu resultado e a manifestação foi apropriada por pessoas comuns, que passaram a reproduzir, à sua maneira, a frase pela cidade. Utilizando outras tipografias e estilos para escrever a mensagem de *Mais amor, por favor*, que não as criadas pelo autor, a frase passou a ganhar os muros, pontos de ônibus, postes, tapumes de construção e qualquer outra superfície possível da cidade. O Grupo Mass (2012) reúne uma parte desses registros.

Após a criação e a reprodução (individual e coletiva) da intervenção *Mais amor, por favor*, a temática do amor, assim como a do respeito e a da tolerância passaram a habitar com mais frequência as intervenções urbanas em São Paulo. *O amor é importante, porra*, também ganhou as ruas paulistanas. Ainda sem autoria reivindicada, a frase aparece nos muros e postes da cidade, nas mais diversas formas, o que também dá a entender que sua reprodução é realizada não por uma pessoa apenas, mas por várias, que se apropriam da mensagem para passar o seu recado. Se no primeiro caso a intervenção se baseia na súplica e na gentileza, nesse caso, a intervenção tem um tom

mais repreensivo. Soa como uma bronca, mas ainda assim, referenciando a importância do amor em uma cidade como São Paulo. Há uma coleção dessas imagens disponível no Tumblr (2016), que oferece o serviço de hospedagem de blogs na internet.

As frases poéticas ocuparam a cidade de uma forma tão expressiva, que um perfil no Tumblr foi criado para reunir todas elas. O nome do projeto é *Olhe os muros* (2018). Atualmente há imagens de intervenções realizadas por todo o Brasil e, até mesmo internacionais, mas a maior parte delas diz respeito a São Paulo, como o estêncil<sup>6</sup> que diz *Preciso Verde Perto*, que faz um trocadilho usando a palavra *verde* no lugar de *verde*, considerando que São Paulo também é chamada de *cidade cinza*. Outra intervenção que também faz alusão ao acinzentado do cimento paulistano é a que diz *Saia do Cinza*, sendo que a palavra *cinza* está escrita dentro de um quadrado, reforçando a alusão do nome da cor com sua conotação à dureza da cidade. Já o lambe-lambe que diz *Seja Magia e Não Truque* vem no mesmo caminho de *Mais amor, por favor*, clamando por relações mais aprazíveis entre o concreto da capital.

### **Reconstrução do imaginário social – Por uma ecologia da comunicação**

Conforme pontuado anteriormente, um dos elementos que atravessa a construção do imaginário social, do qual fala Castoriadis (2002), é o processo de comunicação social. Inerente ao ser humano, seu objetivo final, “é a compreensão dos seres humanos para a cooperação e o conhecimento, emprego e modificação da natureza, a fim de garantir sua existência e seu desenvolvimento físico e espiritual” (Romano, 2004: 58).

Em outras palavras, a teoria de Romano está alinhada com a de Castoriadis ao constatar que a Comunicação é um dos principais processos da vida em sociedade, muito embora as investigações sobre esses processos sejam estritamente recentes e, a partir das visões da comunicação para as massas e dos meios eletrônicos à distância, conforme aponta Mattelart (1999). Assim, pode-se dizer que, tirando o aspecto antropológico da área, as técnicas e as práticas da comunicação humana começaram, de fato, a ser estudadas com um único objetivo: o da efetividade da transmissão da

---

<sup>6</sup> O estêncil é uma técnica utilizada na arte de rua que permite a reprodução de conteúdo de forma rápida e prática. Nele é feito um molde em material rígido com a mensagem que se deseja imprimir nas superfícies. Levado para as ruas, o interventor utiliza a tinta de sua preferência para a ação. Um dos artistas mais famosos do mundo que utilizam essa técnica é Banksy, cujas obras de tom irônico e crítico são reconhecidas e valorizadas internacionalmente.

mensagem pretendida por um emissor. E daí, essa área evoluiu, sem se dar conta de que, na verdade, ao invés de se estudar a Comunicação Humana, estudavam-se os meios.<sup>7</sup>

Para isso, então, é necessário resgatar o que diz Baitello (1998: 11) sobre o fato de que “Todo processo comunicativo tem suas raízes em uma demarcação espacial chamada corpo”. Isso porque tanto Baitello quanto Romano dialogam com as ideias de Pross (1972 *apud* Baitello, 1998) no sentido que os estudos da área da Comunicação devem, de certa forma, voltar seus olhares tão comumente direcionados aos veículos eletrônicos e à comunicação de massa, adaptados ao formato clássico da comunicação centrada na emissão, àquela que Pross denomina de mídia primária, ou seja, o corpo em suas raízes. Esse corpo do qual fala o autor, no entanto, não é o corpo biológico apenas, sendo o ser humano também imbricado da complexidade. Assim, o corpo do qual falam Baitello e Pross é aquele que Morin (1979) identificou com *homo sapiens-demens*, ou seja, a pessoa bio-psico-sócio-cultural.

Com a perspectiva do *homo sapiens-demens* em mente, volta-se a Romano (2004: 62) para entender que, para o ser supracitado, “o conceito de comunicação engloba [...] compartilhar o que se teme em comum, reciprocidade e diálogo, assim como interação com o meio e transmissão de diversos processos”. Nesse sentido, os processos de comunicação deveriam possibilitar não a mera conexão, mas também a vinculação. Entende-se que a perspectiva de Romano é justamente aquela com a qual a autora e o autor deste trabalho se alinham. No entanto, cabe ressaltar, que ela não é hegemônica. Entre tantas razões, é possível dizer que, de certa forma, isso acontece porque, com o desenvolvimento da chamada sociedade da informação e o aumento, quase que imensurável, do uso dos meios eletrônicos e visuais de comunicação, a preocupação daqueles que transmitem mensagens para as massas é a da assertividade, da certeza exata da cibernética em escalas antes inimagináveis.<sup>8</sup> A pergunta que fica é se a pessoa bio-psico-sócio-cultural está realmente informada ou se é apenas sua casca que recebe as mensagens, mas sem condições de absorvê-las e decodificá-las para a vida em comunidade.

No entanto, ainda na perspectiva do autor, nem tudo está perdido. “Se é utilizada corretamente, a informação pode elevar o nível de conhecimentos, de consciência, e

---

<sup>7</sup> Não à toa a afirmação de Marshal McLuhan (2002) de que “o meio é a mensagem” foi – e continua sendo – tão aclamada entre os teóricos da comunicação.

<sup>8</sup> Apenas para mencionar como exemplo, dados da ANATEL indicam que o Brasil terminou o mês de abril de 2016 com 256,4 milhões de aparelhos celulares; isso dá mais de um aparelho por habitante (Teleco, 2016), ao mesmo tempo em que nem 50% da população tem acesso à água e ao esgoto tratados (Terra, 2015).

contribuir assim para ampliar o domínio da necessidade e, por fim, ampliar o domínio da liberdade”, (*ibidem*: 70). Ou seja, alterando a comunicação, altera-se o imaginário social a ela relacionado e, por consequência, a comunidade, em um círculo virtuoso; e é isso que, de certa forma, se vê acontecendo com o movimento das intervenções urbanas pró-São Paulo, no lugar da perpetuação de um imaginário de uma cidade hostil, com aqueles que tanto a amam.

### **Considerações finais**

Do ponto de vista discursivo, a expressão *Mais amor, por favor* é uma súplica que transborda de uma carência. As peças admitem que São Paulo é uma cidade fria e, por isso, clamam por mais amor. Nesse caso, apesar do diagnóstico ser o mesmo, a relação de esperança é que pode ser dada como diferenciada. O prognóstico é positivo. A ecologia da comunicação reside nessa esperança transformadora. Nessa visão do ser humano não como um ser sem vida, parte de um arranjo, mas sim, uma maneira de devolver o buquê ao seu lugar natural devolvendo-lhe a capacidade de amar. Criolo gritou *devolvam minha vida* e as peças mostram o caminho para isso: *mais amor*.

A própria história faz de São Paulo um lugar diferente dos demais. Apesar de o capitalismo imperar na maior parte das cidades e nações, em São Paulo, o sistema encontrou um ambiente próspero por suas próprias características, que afirmam que o sucesso só se alcança com base no suor e no trabalho. Sem questionar o fomento da ideologia do progresso, que está por trás desse pensamento, constata-se que, com o passar dos anos, constituiu-se um imaginário social entre quem mora em São Paulo de uma cidade fria e inóspita, que engole, trucidada, passa por cima de quem quer que seja. “A cidade em primeiro, os moradores, quem sabe, depois”; esse é o pensamento. Constituído, o imaginário passa a ser reproduzido e, conforme é assimilado, ganha força e autonomia e retroage sobre aqueles que o criam.

Apesar de instituído, o imaginário social não é imutável e, com base nisso – até mesmo sem saber – grupos às margens da sociedade se posicionam a favor da criação de um novo imaginário social para a capital paulista. Trata-se do estabelecimento de uma vinculação proporcionada pela comunicação em sua essência; aquela que vai além do emitir e receber mensagens, mas sim, se preocupa com a comunhão, o compartilhamento, a preservação dos agentes da comunidade envolvidos no processo. Essas mensagens, ao serem concebidas e estabelecidas, consideram a pessoa em sua essência, e não apenas um ser que precisa ser alimentado com o máximo de informações



necessárias. Aqui, o sentido é de que o viver em uma comunidade harmônica é uma questão de sobrevivência na contemporaneidade.

### **Referências bibliográficas**

- Baitello Júnior, Norval (1998), “Comunicação, mídia e cultura”, *São Paulo em Perspectiva*, 12(4), 11-16. Consultado a 11.07.2016, em [http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v12n04/v12n04\\_02.pdf](http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v12n04/v12n04_02.pdf).
- Bauman, Zygmunt (2000), *Modernidade líquida*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica de Argentina.
- BBC Brasil (2014), “São Paulo é cidade mais influente da América Latina em ranking global”, *BBC News Brasil*, 19 de agosto. Consultado a 07.07.2018, em [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140819\\_cidade\\_influente\\_saop\\_aulo\\_hb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140819_cidade_influente_saop_aulo_hb).
- Beltrão, Luiz (2001), *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Borges, Lucas (2018), “O Brasil tem pouco imigrante”, *UOL*, 18 de agosto. Consultado a 23.10.2018, em <https://www.uol.com.br/noticias/especiais/imigrantes-brasil-venezuelanos-refugiados-media-mundial.htm>.
- Backzo, Bornislaw (1985), “Imaginação social”, *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- Castoriadis, Cornelius (2002), *As encruzilhadas do labirinto II – Os domínios do homem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra [2.ª ed.].
- Costa, Antonio Luiz (2016), “A desigualdade social chega a níveis alarmantes”, *Revista Carta Capital*, 5 de janeiro. Consultado a 08.07.2016, em <http://www.cartacapital.com.br/revista/873/no-mundo-de-os-miseraveis-5584.html>.
- Criolo (2011), Não existe amor em SP, in *Nó na Orelha* [CD]. São Paulo: Oloko Records.
- Downing, John (2002), *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e nos movimentos sociais*. São Paulo: Senac.
- G1 (2011), “Muro de futura estação do Metrô em Higienópolis é pichado”, 18 de maio. Consultado a 27.05.2019, em <http://g1.globo.com/sao->

[paulo/noticia/2011/05/muro-de-futura-estacao-do-metro-em-higienopolis-e-pichado.html](http://paulo/noticia/2011/05/muro-de-futura-estacao-do-metro-em-higienopolis-e-pichado.html).

GI (2016), “Migrantes são maioria da população de rua em São Paulo, diz censo”, *GI*, 21 de abril. Consultado a 23.10.2018, em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/04/migrantes-sao-maioria-da-populacao-de-rua-em-sao-paulo-diz-censo.html>.

Grupo Mass (2012), + *Amor, por favor*. Twitter: @GrupoMassAr. Consultado a 05.09.2012, em <https://twitter.com/grupomassar/status/243407409849171968>.

Harvey, David (2014), *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes.

Marotta, Ygor (2016), *Mais amor, por favor*. Consultado a 07.07.2018, em <https://maisamorporfavor.com/?ref=ygormarotta.com>.

Mattelard, Armand (1999), *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola.

McLuhan, Marshall (2002), *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix [12.<sup>a</sup> ed.].

Morin, Edgar (1979), *O enigma do homem*. Rio de Janeiro: Zahar.

Olhe os muros (2018). Consultado a 23.10.2018, em <http://olheosmuros.com.br/>.

Peruzzo, Cicilia (1995), *Comunicação e culturas populares*. São Paulo: Intercom.

Pross, Harry (1972), *Medienforschung. Film, funk, presse, fernsehen*. Darmstadt: Carl Habel.

Rolnik, Raquel (2003), *São Paulo*. São Paulo: Publifolha.

Romano, Vicente (2004), *Ecología de la comunicación*. Hondarribia: Editorial Hiru.

Teleco (2016), *Estatísticas de celulares no Brasil*. Consultado a 11.07.2016, em <http://www.teleco.com.br/ncel.asp>.

Tera Ambiental (2015), “A situação do saneamento básico no Brasil”, 23 de abril. Consultado a 11.07.2016, em <http://www.teraambiental.com.br/blog-da-tera-ambiental/a-situacao-do-saneamento-basico-no-brasil>.

Terra (2011), “Ipea: migrantes são 45% da população de São Paulo e região”, 6 de outubro. Consultado a 23.10.2018, em <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/ipea-migrantes-sao-45-da-populacao-de-sao-paulo-e-regiao,35a1cc00a90ea310VgnCLD200000bbccceb0aRCRD.html>.

Tumblr (2016), “O amor é importante, porra”. Consultado a 08.07.2016, em <https://www.tumblr.com/search/o+amor+%C3%A9+importante+porra>.

UOL (2013), “Monumentos e prédios públicos são depredados durante protestos”, 23 de outubro. Consultado a 11.07.2016, em <https://noticias.uol.com.br/album/mobile/2013/10/23/monumentos-e-construcoes-publicos-sao-pichados-durante-protestos.htm>.

Virilio, Paul (1996), *Velocidade e política*. São Paulo: Estação Liberdade.